

**O OVO APUNHALADO:
UM DIÁLOGO ENTRE CAIO FERNANDO ABREU
E AS GERAÇÕES DE 60 E 70**

Urandi Rosa Novais (UEFS/CAPES)

urandinovais@gmail.com

Alessandra Leila Borges Gomes (UEFS)

allexleilla@gmail.com

**Deixa que loucura escorra em tuas veias. E
quando te ferirem, deixa que o sangue jorre
enlouquecendo também os que te feriram.**

(Caio Fernando Abreu)

RESUMO

O presente trabalho traz a campo algumas discussões acerca do livro de contos *O Ovo Apunhalado*, do escritor gaúcho, Caio Fernando Abreu. Publicado em 1975, este, segundo alguns estudiosos, marca a entrada do autor para o mundo da crítica literária. Sendo assim, buscamos analisar como se deu o diálogo entre o autor e as gerações de 60 e 70 que, direta ou indiretamente, influenciaram a escrita dos contos que compõem o livro abordado. Procuramos também identificar os aspectos que unem a obra ao contexto histórico no qual ela foi produzida e publicada, como também a inovação que o autor trouxe ao campo literário ao produzi-la, além disso, conhecer como se deu o processo de recepção estética dela em meio à sociedade da época. Para isso, foram analisados alguns periódicos do período como o *Correio de Povo*, de Porto Alegre; a *Folha de São Paulo*, São Paulo; e outras obras como biografias, teses, livros, etc. As ideias aqui apresentadas estão baseadas nos referências teóricos de estudiosos como Regina Zilberman, Flora Süssekind, Maria Helena Simões Paes, entre outros. Ao realizar esse estudo, buscamos entender o papel da recepção estética na apreciação das obras literárias.

Palavras-chave: Caio Fernando Abreu. *O Ovo Apunhalado*. Recepção estética

1. *O Ovo Apunhalado: texto, contexto e sua recepção*

Publicado em 1975, *O Ovo Apunhalado*, livro de contos do escritor gaúcho, Caio Fernando Abreu, traz aos seus leitores, não só aos daquela época, mas também aos de hoje, uma imagem, traçada e arquitetada em linguagem literária, da atmosfera social e política do Brasil nas décadas de 60 e 70, em meio à ditadura militar que colocava em tensão e conflito as diversas esferas sociais da época, como também a censura que circulava nos meios editoriais e outros setores culturais, vigiando o que devia e o que não devia ser trazido ao público.

O livro é dividido em três partes – Alfa, Beta, Gama – e cada parte nos traz sete contos, totalizando vinte e um contos que nos mostram um panorama de anos sufocados pelo regime militar. Esse livro, segundo alguns estudiosos, marca uma apreciação mais atenta e apurada de Caio Fernando Abreu na recepção da crítica literária, embora ele já houvesse publicado dois livros antes, o livro de contos *Inventário do Irremediável*⁷ (1970) e o romance *Limite Branco*⁸ (1970), que também foram bem aceitos pela crítica da época. Mas o próprio autor falou, na nota introdutória da reedição de *O Ovo Apunhalado* (1984), o porquê da importância desse livro em sua carreira. Para Abreu:

O Ovo Apunhalado foi, e ainda é, um livro importante para mim. Primeiro porque, para publicá-lo, precisei voltar de um exílio voluntário de Londres para o Brasil e esquecer uma planejada viagem à Índia (com escala em Katamandu, claro, afinal era o começo dos anos 70 e eu queria tudo o que eu tinha direito). Depois, porque marcou a transição entre um certo amadorismo dos dois livros anteriores – mal-editados, mal-distribuídos – para uma espécie de profissionalismo. E digo espécie porque, hoje, quase dez anos depois, esse pro-fis-si-o-na-lis-mo continua ainda em esboço⁹. (ABREU, 2012, p. 09)

Dessa forma, podemos perceber o porquê de *O Ovo Apunhalado* ter marcado a entrada de Abreu no cenário da crítica literária da década

³ Foi o primeiro livro publicado pelo autor, apresentando contos escritos entre os anos 1966, entre Santiago do Boqueirão, onde o autor costumava passar suas férias na casa dos pais dele, e São Paulo, nos primeiros tempos loucos de 1968. Este livro foi reeditado em 1996, passando a se chamar *Inventário do Irremediável*, pois, segundo ele, o antigo *Irremediável* soava melancólico e sem saída, no entanto com esse hífen no novo título há um trajeto que pode ser consertado. Caio Fernando Abreu afirmou que o mais perigoso nesse livro é a forte influência de Clarice Lispector.

⁴ Publicado em 1970, mas escrito em 1967, quando o autor tinha apenas 18 anos, esse romance de e sobre um adolescente no final dos anos 60, na transição brasileira entre o golpe militar e o fatal AI 5. Esta obra também foi reeditada em 1994.

⁵ Nota introdutória da reedição de *O Ovo Apunhalado*, em 1984, mas nesse trabalho foi usado a edição publicada pela LP&M, em 2012.

de 70. Embora ele tenha sido publicado em 1975, os contos que o integram foram escritos entre os anos 1969 e 1973, e em ambientes diferentes, por onde o autor havia passado como, por exemplo, em Campinas, na fazenda de Hilda Hilst, em São Paulo, Porto Alegre e, principalmente no Rio de Janeiro que, segundo o autor:

Era aquele Rio do começo dos anos 70, com a coluna underground de Luiz Carlos Maciel, no Pasquim, do Pier de Ipanema, com as dunas da Gal (ou do barato), dos jornais alternativos tipo flor do mal. Tempo de dançadas federais. Tempo de fumaça, de lindos sonhos dourados e negra repressão. Tempos de Living Theater expulso do país, do psicodelismo invadindo as ruas para ganhar seus contornos tropicais. Tempos da festa que causou esta rebordosa de agora, e primeiras overdoses (Janis, Jimi). Eu estava lá. Metido até o pescoço: apavorado viajante. (ABREU, 2012, p. 10)

Esta obra de Caio Fernando Abreu ganhou, em 1973, a menção honrosa do Prêmio Nacional de Ficção, mas só foi publicado anos depois, em 1975, pelo Instituto Estadual do Livro, em parceria com a Editora Globo, no entanto alguns contos foram suprimidos pela censura porque atentavam contra os bons costumes do momento. Esse livro dialoga com as diferentes representações socioculturais do seu tempo, principalmente fim dos anos 60 e início dos anos 70, fase essa que foi assinalada por um distinto modo de compor em relação às suas narrativas anteriores.

E, remetendo-nos ao contexto dos anos da década de 60, como nos fala Paes (1997) foi uma época de ritmo acelerado do crescimento econômico, desenvolvimento tecnológico que atingiu tanto o mundo capitalista quanto o socialista. Tudo isso contribuiu para que o processo de industrialização avançasse, dando espaço às indústrias automobilísticas e de produtos eletrônicos.

Esta época também ficou conhecida como a época da utopia, pois aqueles que não estavam satisfeitos com o mundo que os cercava, principalmente os jovens, contestavam o sistema no qual estavam inseridos. Havia também o movimento hippie que, ao lado dessa juventude que estava envolvida no movimento da contracultura, buscava melhorias no sistema. Os estudantes universitários faziam manifestações pacíficas e/ou violentas para questionar os regimes socialista e capitalista. Esses revolucionários não se uniam a nenhum desses regimes, eles representavam um não entre esses dois segmentos que buscavam a qualquer custo dominar a população.

Também conhecido por muitos, como movimento underground, o movimento da contracultura, segundo Paes (1997), nasceu nos EUA e foi

se espalhando pela Europa Ocidental, atingindo vários outros países capitalistas, todavia, esse movimento não tinha princípios formulados e divulgados. Esse termo foi usado para referenciar aos movimentos juvenis dos anos 60 como, por exemplo, o movimento hippie, as manifestações que eram realizadas nos meios artísticos daquela época.

Nesse mesmo período nascia o psicodelismo no qual os jovens saíam de casa, abandonavam suas famílias, fugindo das amarras da cidade, do racionalismo, eles buscavam uma vida comunitária, cercados pela natureza, buscando novas descobertas e, “é nessa busca que se explica o uso das drogas alucinógenas como o meio de expandir a mente e alargar a consciência”. (PAES, 1997)

E Caio Fernando Abreu participou de todos esses movimentos, ele foi punk, dark, hippie, perambulava nos cenários undergrounds daquela época. Podemos afirmar que ele experimentou a sensação de tudo isso ao longo desse período em sua vida, juntava-se aos seus amigos e juntos comungavam da sensação do momento. Convém lembrar que ele fazia isso não como um aproveitador da situação ou por isso estar na moda, fazia isso por também ser um dos militantes que buscavam melhorias no cenário sociocultural.

Nessa época, a turma de Caio em Porto Alegre era composta por Maria Lídia Magliani, Jaime Gargioni, Juarez Fonseca, Augusto Rigo, Sandra Laporta. Havia também Lucrécia, um gay espalhafatoso de quem Caio gostava muito, e Graça Medeiros. As pessoas saíam juntas, fumavam maconha, iam a bares. Conversavam sobre assuntos da época: filmes, livros, discos. Falavam mal da ditadura. Caio era muito crítico, muito ácido. Juarez Fonseca lembra de ouvi-lo comentar: “todo homem com mais de trinta é um canalha”¹⁰. (CALLEGARI, 2008, p. 61)

Mas as suas aventuras não pararam por aí, pois, à sua maneira, ele lutou contra a ditadura, chegando a ser preso pela repressão em 1971, no Rio de Janeiro, por falso flagrante de drogas, depois de ter participado de uma passeata. E novamente foi preso, em 1975, numa praia em Santa Catarina aonde havia ido encontrar sua amiga Graça Medeiros que lá estava escondida. Ele apanhou muito dessa vez, mas não denunciou a amiga, por isso, segundo Dip (2011, p. 137) “a obra de Caio, no futuro, seria analisada por cientistas políticos e considerada um retrato sociopolítico do seu tempo, e ele um autor lúcido e crítico em relação ao regime militar”.

⁶ Essa mesma frase é utilizada por Caio Fernando Abreu em um dos contos - “Noções de Irene” - que compõem *O Ovo Apunhalado*.

Esse foi um breve contexto vivido por esse autor nessas duas décadas que, de certa forma, serviram de inspiração para a escrita de *O Ovo Apunhalado*, esse contexto está presente, não de forma testemunhal ou apenas descritiva, mas sim de forma criativa, pois os contos que compõem essa obra trazem histórias bem elaboradas que nos possibilitam relacioná-las ao momento de produção. Vale lembrar que esse livro foi publicado na época do famoso boom literário dos anos 70, e Caio fazia parte dessa turma.

O boom literário dos anos 70 era uma turma nova que fazia ficção principalmente através do conto. Esses escritores se correspondiam, trocavam informações, impressões, tentavam ajudar uns aos outros dentro de suas capacidades, mostrando o texto dos amigos para outras pessoas, escrevendo resenhas positivas em jornais e revistas. (CALLEGARI, 2008, p. 78)

A época do boom literário foi marcada justamente pela escrita que retratasse os anos de censura e demais aspectos do regime militar. Não é à toa que a pesquisadora Flora Sússekind afirma, em seu livro *Literatura e Vida Literária*, que era fácil reconhecer a censura como uma espécie de antagonista, ou até mesmo coautora dos desvios estilísticos que houve naquele período, apresentando linguagem alegórica e textos cifrados. No entanto, ela também serviu de incentivo à produção literária, principalmente as que retratassem o país.

Mas em meio a esse período todo como estava a recepção estética em relação às obras literárias, quais aspectos ela utilizava na apreciação do que era produzido naquele momento? Nos anos 60, houve novas propostas metodológicas em relação à recepção estética que é “uma teoria sobre a literatura, em que a obra é lida e interpretada com os perigos, as consequências e o prazer que essa tarefa subentende” (ZILBERMAN, 2009, p. 87). Nessa década houve forte influência do estruturalismo que havia conquistado mais prestígio no cenário universitário.

Essa análise baseada no estruturalismo centrava-se mais no texto em si, na forma utilizada em sua composição, por isso, muitos críticos daquela época consideravam que apenas as obras que representassem a situação do momento mereciam a devida atenção dos centros acadêmicos para serem aceitas e estudadas, dando espaço apenas a uma espécie de literatura verdade, na parábola e no depoimento biográfico que as obras literárias do período de 60 encontravam seu caminho privilegiado.

Mas a obra *O Ovo Apunhalado* foi bem mais além, ela não apenas biografava ou testemunha aquele período em que foi escrita. Ela traz um novo sentido de produção literária, com uma linguagem bem articulada,

Caio Fernando Abreu traz à tona, com seus personagens, um fazer literário diferente das obras que circulavam naquele período, como nos afirma Lygia Fagundes Telles no prefácio de *O Ovo Apunhalado*.

Original sempre, mas sem se preocupar com modismos (importados ou não) que tentam impressionar um público que, de resto, já não se impressiona com nada. Ele não escreve o antitexto, mas *o texto* que reabilita e renova o gênero. Caio Fernando Abreu assume a emoção.

Emoção que é vertida para uma linguagem que em alguns momentos a rara plenitude próxima de um estado de graça. Linguagem que o coloca na família dos possessos (que já nos deu um Van Gogh, um Dostoiévski, um Orson Welles), cultivadores não só da “paixão da linguagem”, na expressão de Orson Paz, mas também da “linguagem da paixão”. (TELLES, 1975, p. 14)

E foi isso que Caio fez na composição de *O Ovo Apunhalado*, deixando de lado o modismo de período que era apenas produzir uma espécie de literatura representativa ou descritiva. Ele trouxe, com seus contos, muito mais que isso, inovando a linguagem, trouxe personagens e histórias que faziam alusão a tudo o que ocorria naquele período de 1969 a 1973, os textos presentes nesse livro conversa com os principais acontecimentos como, por exemplo, o movimento tecnológico e a ascensão das indústrias no conto *Ascensão e Queda de Robhêa, Manequim e Robô*; o movimento hippie nos contos *Retratos, Eles*; e os aspectos da ditadura militar e todo o medo e angústia que imperava entre as pessoas naquele momento, isso fica claro em contos como *Cavalo Branco no Escuro, Iniciação* e no conto *Oasis* que conta a história de três crianças que brincam numa rua em que há um quartel militar, eles chegam a entrar nesse lugar, são presos. Uma das personagens descreve perfeitamente a cena.

Era um quartinho infinitivamente mais sujo e frio, apesar de todo o calor que fazia lá fora, com uma janelinha gradeada na altura do teto. Pensamentos terríveis cruzava a minha cabeça, pelotões fuzilamento, enquanto uma dor de barriga se tornava cada vez mais insuportável, até escorregar pelas pernas numa massa visguenta. (ABREU, 2012, p. 36)

Mas os contos que compõem essa obra não falam apenas desses assuntos, falam também de amor, mas amores não realizados, de esperança e de redenção num mundo comum e medíocre, como no conto “Eles” em que aparecem seres de fora que prometem a salvação e a mudança para quem quiser compreendê-los, no entanto as pessoas têm medo da novidade, poucos são escolhidos e se salvam. Nesse conto há um bonito fazer poético, principalmente nas falas finais: “O que eles deixaram foram estes três postulados: importa é a luz, mesmo quando consome; a cinza é mais digna que a matéria intacta e a salvação pertence àqueles

que aceitem a loucura escorrendo sem suas veias”. (ABREU, 2012, p. 68).

O autor fez um trabalho tão bem elaborado com a linguagem presente em seus 21 contos que compõem *O Ovo Apunhalado* que Telles (1975) afirmou que quando estava nos seminários de literatura e os teóricos egocêntricos apenas condenavam as palavras, ela tinha vontade simplesmente de mostrar um livro como esse, provando-lhes a atualidade da desacreditada palavra com a própria palavra, quando a serviço de uma técnica de recursos, aliada a uma imaginação cintilante.

E a boa recepção dessa obra não parou por aí. Em sua tese de doutorado intitulada “Sonho e transgressão em Caio Fernando Abreu: o entrelugar de cartas e contos”, Ana Maria Cardoso (2007) afirma que, embora certas tendências críticas busquem fazer com que ele seja enquadrado na moldura dos autores porta-voz daquela época, outros, a exemplo de Heloísa Buarque de Hollanda, considera que a referida obra desse autor apresenta outros traços intrínsecos a sua trajetória literária merecedoras de análise e interpretação.

Sendo assim, ao conhecermos os passos significativos do percurso de Abreu, podemos concluir que a obra dele não se restringe apenas a representar um determinado grupo ou geração, mas sim trazer à tona diferentes aspectos da subjetividade humana que, na maioria das vezes, podem ser inéditos, diante aos eventos que ocorreram naquela época.

Para Lea Silva dos Santos Mansina apud Ana Maria Cardoso (2007), em seu artigo *O Ovo Apunhalado: um processo de despojamento*, ela salienta que o interessante em sua obra é o fato de ele criar uma linguagem que abre espaço para uma manifestação do estranhamento, fazendo com que o homem busque o significado de sua própria existência no mundo.

Já o professor e crítico literário Flávio Loureiro Chaves, em “O ovo e a urgência de dizer”, ele afirma que as narrativas de Caio Fernando Abreu denunciam a realidade vivida e, desta forma, sua obra é conduzida à representação ou à procura do universo que não seja organizado pela lógica do mundo cotidiano. Isso se deve ao fato de esse autor optar:

Por uma linguagem e efeitos narrativos distintos do cânone literário que também se configuram no âmbito da forma, como significativas rupturas do escritor. A incorporação do discurso da oralidade, o uso de gírias ou, ainda, as simbologias orientais, permitem que o escritor se aproxime do leitor, seu cúmplice, e contribuem em larga medida, para a criação de personagens que

puderam representar as complexas diferenças circunstanciais do período. (CARDOSO, 2007, p. 10)

Além disso, Caio Fernando Abreu também nos traz um fazer poético sem seus textos, e essa expressividade poética é assinalada conforme a leitura de Paulo Hecker Filho, que em seu artigo intitulado *Caio*, publicado no *Correio do Povo*, em Porto Alegre, 1976, afirma que se vê nos contos de *O Ovo Apunhalado* um excesso de intimismo reflexivo, mas fundado na criação de um estilo próprio do autor, elencado de características predominantemente poéticas. Além disso, Flávio Moreira da Costa, em “Apunhalaram o Ovo: Nasceu um Escritor”, ele, através de suas palavras, também nos confirma o quanto a sensibilidade, a emoção e o domínio da linguagem na obra de Caio Fernando Abreu contribuem para a contemporaneidade dos seus textos.

Já Waldyr Nader assinala que essa obra de Abreu nos remete a todas as características representativas da juventude da época, no seu artigo, publicado na *Folha de São Paulo*, em 13 de março de 1975, ele afirma que os textos presentes no livro representam, através de uma linguagem bem elaborada e personagens que exprimem as inquietações da juventude e, além disso, vê em *O Ovo Apunhalado* uma das esperanças da literatura nacional.

Diante disso, percebemos o quanto essa obra do referido autor repercutiu no cenário em que foi lançada, isso se deve ao fato de ela ter trazido a campo um novo fazer literário para aquela época, pois ele não se limitou em escrever apenas a descrição do horror, ou registrar a ocorrência, fazendo documento, diário ou depoimento de experiência vivida. Mas sim, ele fez literatura. (SUSSEKIND, 2004)

2. O ovo revelado

Publicado e republicado, *O Ovo Apunhalado* concedeu ao seu autor – em 1975, com a primeira edição – não só sua marca registrada no cenário da crítica literária, mas também o reconhecimento como escritor de estilo próprio, livre das influências que estavam presentes em seus dois livros anteriores. Utilizando de uma linguagem criativa, permeada de aspectos condizentes com a realidade não só daquela época, mas também dos dias hoje, Caio Fernando Abreu produziu contos que instigam todos os que o leem, esse é um dos méritos da escrita desse autor: a contemporaneidade dos temas que permeiam suas obras.

Isso se deve ao fato de ele ter sido um tipo exótico de escritor que, segundo Paula Dip (2009), era um brasileiro sombrio que não abordava os assuntos corriqueiros do nosso país como samba, carnaval ou futebol. Em sua escrita, ele não mascarava a realidade sufocante com a qual se deparava e nem vendia um país tropical para os ingleses, estes diziam que ele não morava num país que as agências de viagem vendiam para o exterior. Distante de corpos sarados e da magia do futebol, seus livros, em especial *O Ovo Apunhalado*, transmite o eco de uma sensibilidade mortífera, alimentada pelo furor urbano e pela loucura do tempo, onde os heróis precisam, antes de tudo, reacomodar sua inocência.

Embora *O Ovo Apunhalado* tenha sido bem aceito pela crítica literária da época, Caio Fernando Abreu não era do tipo de autor que se preocupava com a maneira como julgariam sua obra. Em uma entrevista a Marcelo Secron Bessa, para a revista Palavra, do Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em dezembro de 1995, ironicamente falou sobre esse assunto:

Acho que sou uma figura atípica na literatura brasileira, enquanto uns fazem literatura limpa, eu sou o oposto, porque lido com o *trash*, de onde tiro não só 'boa literatura' mas também vida pulsante. Acho que isso é aterrorizante, principalmente no meio universitário. Tudo é muito estético, é tudo muito cristalino. Mas deve ser insuportável para a universidade brasileira, para a crítica brasileira assumir e lidar com um escritor que confessa, por exemplo, que o trabalho de Cazusa e Rita Lee influenciou muito mais que Graciliano Ramos. Deve ser insuportável. (ABREU, 1997. p. 11)

Mesmo achando que sua obra seria um saco para o mundo acadêmico, ele tem ganhado grande espaço nesse cenário devido à atualidade dos temas que usou em seu fazer literário. Não é à toa que suas obras têm sido republicadas e alvo de muitos estudos, principalmente nos centros universitários, onde elas têm dado origem a artigos, dissertações e teses, abrindo espaço para o estudo de diversos aspectos da produção literária desse autor que retratou os conflitos e a fragmentação da sociedade ao longo dos tempos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Caio Fernando. *Inventário do ir-remediável*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1996.

_____. *Caio F. por Caio F.* Disponível em:
<<http://arquivo-caiof.blogspot.com.br>>. Acesso em: 18-08-2013.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Limite branco*. 2. ed. São Paulo: Sciliano, 1994.

_____. *O ovo apunhalado*. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2012.

BESSA, Marcelo Secron. Quero brincar livre nos campos do Senhor: uma entrevista com Caio Fernando Abreu. *Palavra*. Departamento de Letras PUC-Rio, n. 4, p. 7-15, 1997. Rio de Janeiro: Grypho.

CALLEGARI, Jeanne. *Caio Fernando Abreu: inventário de um escritor irremediável*. São Paulo: Seoman, 2008.

CARDOSO, Ana Maria. *Sonho e transgressão em Caio Fernando Abreu: o entrelugar de cartas e contos*. 2007. – Tese (de doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

CHAVES, Flávio Loureiro. O ovo e a urgência de dizer. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 01 maio 1976. Caderno de sábado, p. 16.

COSTA, Flávio Moreira da. Apunhalaram o ovo: nasceu um escritor. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 20 jan. 1976, Caderno de Sábado, p. 02.

DIP, Paula. *Para sempre teu, Caio F.* – cartas, memórias, conversas de Caio Fernando Abreu. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

HECKER FILHO, Paulo. Caio. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 20 mar. 1976. Caderno de Sábado, p. 02.

NADER, Waldyr. Caio exprime a inquietação dos jovens. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 13 mar. 1975.

PAES, Maria Helena Simões. *A década de 60: Rebeldia, contestação e repressão política*. 4. ed. – São Paulo: Ática, 1997.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. 1. ed. São Paulo: Ática, 2009.

SUSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários e retratos*. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2004

TELLES, Lygia Fagundes. Prefácio. In: ABREU, Caio Fernando. *O ovo apunhalado*. Porto Alegre: L&PM, 2012.